

# EVOLUÇÃO URBANA E DEMOGRÁFICA DO ENVELHECIMENTO EM BELO HORIZONTE

*Frederico Poley Martins Ferreira*

## RESUMO

Este trabalho tem como tema a análise do processo de envelhecimento da população do município de Belo Horizonte e sua evolução no espaço urbano da cidade. Neste sentido, são utilizadas as chamadas Unidades de Planejamento como sub divisões do município, (em número de 81), onde se compara as diferentes proporções de população acima de 60 anos no município em 1991 com a evolução da ocupação da cidade em diferentes anos. Finalmente, são feitas algumas hipóteses e observações quanto aos fatores que levam as pessoas a escolherem certas áreas para morar ao invés de outras e algumas conclusões quanto a análise demográfica intra-urbana para o futuro.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos, o Brasil tem passado por profundas mudanças em seu padrão demográfico que ocorrem principalmente, como consequência do declínio da fecundidade. Este é um processo irreversível e não conjuntural e que deve ser considerado no curto, médio e longo prazos (Carvalho, 1994).

As transformações na estrutura e na distribuição da população têm um impacto considerável nas demandas por serviços e na formulação de políticas públicas. Sendo o Brasil um país urbano, as cidades acabam refletindo de forma explícita todas estas transformações e logicamente suas consequências.

As metrópoles brasileiras podem ser consideradas como um “locus” privilegiado para a análise da transformação das variáveis demográficas e suas consequências no país como um todo e nos domicílios.

Assim, para se ter uma idéia, as oito maiores áreas metropolitanas (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza e Curitiba) que apresentaram uma rápida expansão populacional du-

rante as décadas de 60 e 70, passaram a ter, em conjunto, um crescimento anual abaixo da média nacional a partir da década de 80, conseqüência além da redução dos fluxos migratórios, do profundo controle da fecundidade que as mulheres nestas áreas passaram a exercer. Esta diminuição na taxa de crescimento populacional corrente é ainda mais marcante quando levamos em conta apenas o município sede de cada uma destas regiões metropolitanas.

A Tabela 1 nos dá um exemplo da rapidez com que estas mudanças estão ocorrendo, especialmente no que se refere ao padrão de formação de domicílios, em tres grandes metrópoles, Rio de Janeiro, São Paulo, e Belo Horizonte.

**Tabela 1**

RELAÇÃO HABITANTE/DOMICÍLIO – 1970/1996

Cidade	Relação Habitante/Domicílio			
	1970	1980	1991	1996
Rio de Janeiro	4,5	3,9	3,5	3,2
São Paulo	4,7	4,0	3,7	3,4
Belo Horizonte	5,4	4,6	4,0	3,7

Fonte: IBGE, 1970, 1980, 1991 e 1996.

Uma das conseqüências destas mudanças é que ao nível intra-urbano das grandes cidades também temos observado novas transformações.

Historicamente, as cidades tem se estruturado de forma a possuir um centro demograficamente populoso, bem equipado com infra-estrutura urbana, onde normalmente residiam as classes mais ricas e se localizavam os melhores serviços e uma periferia ocupada por uma população de mais baixa renda, apresentando, além de densidades domiciliares elevadas, péssimas condições ambientais, sanitárias e habitacionais.

Em Belo Horizonte, esta configuração também é comum. O padrão de formação e localização das famílias se deu a partir da construção dos domicílios mais abastados, especialmente dos funcionários públicos mais graduados, que se transferiram de Ouro Preto (antiga capital do Estado de Minas Gerais) para a área compreendida pelo atual centro urbano (área interna à Avenida do Contorno), caracterizada como zona de ocupação dos domicílios unifamiliares. Ao mesmo tempo, as classes mais pobres de trabalhadores e os domicílios coletivos que recebiam, especialmente trabalhadores e migrantes pobres, se localizavam na parte exterior à Avenida.

De acordo com o PLANBEL (1979):

*“Na perspectiva de organização da mudança de Capital, necessário se fazia a presença de um operariado qualificado, destinado aos futuros trabalhos de construção civil, sem o qual não se poderia concretizar a mudança.*

*Esses trabalhadores não se distinguem – a não ser pela profissão – dos migrantes rurais já encontrados. Foram instalados nas áreas próximas da zona urbana, apesar de serem consideradas então como rurais. Assiste-se assim, a um processo da assimilação relativamente rápido dos “núcleos agrícolas” à zona suburbana da capital, o que confirma a hipótese do maior povoamento do que a produção de alimentos, oficialmente proclamada. Com efeito, o núcleo de Carlos Prates, situado na área próxima à Vila Operária – Barro Preto e Calafate, cujo processo de ocupação é simultâneo à construção da cidade e ao Prado Mineiro – nunca chegou a adquirir as características de núcleo agrícola, apesar de sua incorporação oficial à cidade só ocorrer em 1911.”*

No final do século XIX, o modelo urbanístico adotado na construção da nova capital condenava a existência de habitações coletivas na cidade, identificando espaços estreitos e de alta densidade característicos destas habitações como impeditivos de se desenvolver uma vida familiar saudável e equilibrada, condição essencial para o progresso civilizado da cidade. Além da definição das moradias que deveriam ocupar as partes mais nobres da cidade, os espaços públicos passam a ser reservados exclusivamente para a circulação com calçadas largas destinadas especialmente para os passeios a pé. Todas as formas de ocupação espacial que não correspondesse ao modelo de casa unifamiliar, isolada ao máximo no lote, e à limpeza das ruas eram rejeitadas. Este padrão implicitamente rejeitava os diferentes arranjos familiares que fugissem a idéia de família nuclear patriarcal.

Neste processo, as classes populares acabavam se tornando segregadas duplamente, pelo padrão de convivência e pelos espaços que poderiam frequentar e morar, sendo que, este espaço em Belo Horizonte, acabou se tornando definido claramente, entre as partes internas e externas à Avenida do Contorno.

No aspecto social vale lembrar que Belo Horizonte recebeu um grande contingente de trabalhadores migrantes no período de sua construção, estando entre eles além da própria mão de obra nacional, ex-escravos ( a abolição foi em 1888 e Belo Horizonte foi inaugurada apenas 10 anos após em 1898) e imigrantes principalmente italianos, convocados para a construção da nova capital. Na maioria das vezes esta população não seguia os padrões considerados desejados de formação familiar e domiciliar, indo residir em cortiços e favelas sendo provavelmente comum o amasiar (viver junto) mulheres chefiando domicílios *etc.*

Barreto (1996) descrevendo as primeiras aglomerações pobres no período de fundação da cidade observa que:

*“A Estação de Minas era um precário barracão de tábuas coberto de zinco, plantado no meio de uma esplanada que estava sendo preparada. Atrás dela, pelo alto da colina, acima da **projetada** Rua Sapucaí ia-se adensando uma povoação de cafuas e barracões de zinco, a que o povo denominava Favela ou Alto da Estação ou Morro da Estação. Denominava-se Favela por ser muito semelhante ao morro de igual nome existente no Rio de Janeiro.*

*Tal aquele bairro improvisado, onde morava a gente operária, existia igualmente o Leitão, outro aglomerado humano de gente pobre, em rumo oeste do arraial. Esses dois bairros **mescladíssimos** e turbulentos, sobretudo à noite e nos dias de descanso, puseram à prova de fogo a energia e o valor do subdelegado...” (grifo nosso).*

## 2 CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

Como observado, as mudanças demográficas tem ocorrido de forma veloz. Para se ter uma idéia, em 1996, Belo Horizonte contava com uma população de aproximadamente 2.091.770 habitantes. Entre 1970 e 1980 o município crescia a uma taxa de 3,73% ao ano, entre 1980 e 1991 o município cresceu a uma taxa de 1,30% ao ano e já entre 1991 e 1996 a uma taxa de 0,7% ao ano.

Como conseqüência deste processo, o padrão de formação e localização dos domicílios parece se modificar, o número de domicílios na área central de Belo Horizonte tem caído sistematicamente, além disso, a proporção de pessoas morando sozinhas e de domicílios não-familiares e domicílios com apenas um casal estarem também aumentando. Ao mesmo tempo novas

características físicas do domicílio parecem também surgir, como um aumento no número de domicílios com apenas um dormitório, o surgimento e construção de apart-Hotéis e o surgimento de condomínios fechados.

Analisando a Tabela 2, observamos que o crescimento total do número de domicílios ocupados em Belo Horizonte foi, durante a década de 80, de aproximadamente 2,5% ao ano e entre 1991 e 96 de 2,2% ao ano. Respetivamente, a população de Belo Horizonte cresceu a uma taxa de 1,2% ao ano e 0,7% no período 1991/96, demonstrando um descompasso crescente no incremento das duas variáveis. É interessante notar que a consequência mais imediata deste fenômeno é a queda da relação habitante por domicílio, que mantém uma tendência de queda crescente à medida em que o tempo passa.<sup>1</sup>

**Tabela 2**

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO E DOS DOMICÍLIOS OCUPADOS DE BELO HORIZONTE POR REGIONAL – 1980-1996

Regional*	Domicílios			Tx/cresc.		População Res.			Tx/cresc.		Pop./Dom.	
	1980	1991	1996	80-91	91-96	1980	1991	1996	80-91	91-96	1991	1996
Barreiro	31700	51359	58896	4,48	2,78	154743	220872	237046	3,29	1,42	4,3	4,0
Centro-Sul	56399	70138	77607	2,00	2,04	238971	249862	256661	0,41	0,54	3,6	3,3
Leste	57791	64964	67457	1,07	0,76	261626	254035	243302	-0,27	-0,86	3,9	3,6
Nordeste	45674	61158	65718	2,69	1,45	211138	247774	251126	1,47	0,27	4,1	3,8
Noroeste	74826	86401	92541	1,32	1,38	337765	339002	336230	0,03	-0,16	3,9	3,6
Norte	23288	35860	44516	4,00	4,42	114585	150877	175604	2,53	3,08	4,2	3,9
Oeste	50080	62296	68340	2,00	1,87	235650	249059	252345	0,50	0,26	4,0	3,7
Pampulha	16695	25638	31518	3,98	4,22	80284	106330	120865	2,59	2,60	4,1	3,8
Venda Nova	26849	45497	54345	4,91	3,62	133730	198442	218192	3,65	1,92	4,4	4,0
<i>Total</i>	<i>383302</i>	<i>503311</i>	<i>560938</i>	<i>2,51</i>	<i>2,19</i>	<i>1768492</i>	<i>2016253</i>	<i>2091371</i>	<i>1,20</i>	<i>0,73</i>	<i>4,0</i>	<i>3,7</i>

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1980, 1991, 1996.

Quando analisamos este processo ao nível interno do município, notamos que: Na década de 80 as Regionais que apresentaram um maior crescimento, tanto do número de domicílios, como do número de habitantes foram Venda Nova, Barreiro e Norte que se destacam seguidas pelas Regionais Pampulha e Nordeste, indicando a direção da expansão da malha urbana do município durante a década de 80. Por outro lado, as Regionais mais populosas, como a Centro-Sul a Noroeste e a Leste, apresentaram uma desaceleração do seu crescimento, sendo que a Regional Leste chegou a ter perda líquida de população.

<sup>1</sup> O município Belo Horizonte está subdividido politicamente em 9 Administrações Regionais e 81 unidades de planejamento (UP's). Estas divisões podem ser observadas nos mapas em anexo.

Entre 1991 e 1996 todas as demais Regionais apresentaram um declínio no seu ritmo de crescimento, sendo que além da Regional Leste que continua perdendo população, em um ritmo menos acelerado, a Regional Noroeste também passa a esta condição neste último período. Quanto a taxa de crescimento do número de domicílios, as Regionais Centro-Sul, Noroeste, Pampulha e Norte foram as que apresentaram uma taxa de crescimento superior entre 91/96 em relação aos anos 80/91, as demais diminuíram o ritmo de expansão do número de domicílios ocupados. Ao mesmo tempo, todas as Regionais apresentaram um decréscimo na relação habitante/domicílio sendo que proporcionalmente a Regional Centro-Sul foi a que apresentou um maior decréscimo nesta relação.

Um outro dado, que chama a atenção é o desequilíbrio na composição demográfica por sexo. (vide Tabela 3) isto se deve basicamente à maior imigração feminina, bastante comum em todas as cidade de grande porte na América Latina. Analisando a razão de sexos por regional observamos que a Regional Centro-Sul é a que apresenta, em ambos períodos analisados, a razão mais baixa e a Regional Barreiro a mais alta. Entre 1991 e 1996, observamos que a razão de sexos aumentou (maior proporção de homens residindo) nas regionais Centro-Sul, Oeste e Venda Nova, havendo uma diminuição nas demais, sendo que no município como um todo a razão de sexo permaneceu praticamente a mesma havendo um pequeno decréscimo.

**Tabela 3**

RAZÃO DE SEXOS POR ADM. REGIONAIS 1991-96

Regional	1991	1996	Dif.
Barreiro	0,9721	0,9627	-0,0095
Centro-Sul	0,7917	0,8151	0,0234
Leste	0,8709	0,8634	-0,0075
Nordeste	0,9066	0,8981	-0,0085
Noroeste	0,8935	0,8895	-0,0040
Oeste	0,8939	0,8970	0,0031
Pampulha	0,9320	0,9217	-0,0103
Norte	0,9484	0,9442	-0,0043
Venda Nova	0,9493	0,9511	0,0017
Belo Horizonte	0,8986	0,8984	-0,0002

Fonte: Censos Demográficos, IBGE, 1991 e 1996

A maior proporção de mulheres residentes, aliada a uma expectativa de vida maior que a masculina caracterizam num futuro próximo que a população idosa de Belo Horizonte, principalmente nas idades mais avançadas será, basicamente feminina.

### 3 O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO

Ao se analisar o envelhecimento populacional, o primeiro fato que se deve considerar é a da definição de idoso. Normalmente, essa definição possui um grande componente subjetivo, e é influenciada por vários fatores que abarcam, além do critério cronológico, o envelhecimento biológico, psicológico e social. No geral, consideram-se como idosos, numa determinada sociedade, aqueles que, depois de terem passado pelas fases de crescimento e maturidade, entram numa etapa de alteração de seus papéis sociais com diminuição de sua capacidade produtiva e relativa dependência para o desempenho de suas atividades diárias. Na dificuldade de avaliar a perda de autonomia pessoal e diante da necessidade de delimitar a população idosa, optou-se aqui pelo critério cronológico. Assim, de acordo com a Organização das Nações Unidas, considera-se como idosa aquelas pessoas com 60 anos e mais, especificamente nos países em desenvolvimento como o Brasil.

Ao considerarmos o envelhecimento da população observamos que, o indivíduo envelhece na medida em que sua idade aumenta, já uma população envelhece no sentido em que a idade média do conjunto das pessoas que a compõe aumenta. Na realidade, pode-se considerar que a idade média da população aumenta, quando aumenta a proporção de idosos na mesma (Moreira, 1997).

O rápido processo de Transição Demográfica pode nos fornecer elementos importantes para a compreensão das mudanças na estrutura etária da população. Especificamente, as modificações da fecundidade desempenham um papel crucial no envelhecimento, tendo a mortalidade e a migração também participações importantes, porém secundárias.

Em Belo Horizonte, assim como no resto do país, observa-se uma rápida queda das taxas de fecundidade que se inicia por volta dos anos 60.

Para se ter uma idéia, a Taxa de Fecundidade Total do município em 1980 se situava em torno de 3,12 filhos por mulher em 1991. Esta mesma taxa alcança o valor de 1,91 filhos por mulher, portanto abaixo do nível de reposição da população<sup>2</sup>.

---

2 Dados de fecundidade e migração calculados e gentilmente cedidos por André Brás Goelguer.

Mesmo não se calculando os efeitos da migração<sup>3</sup> no processo de envelhecimento, sem dúvida, a maior parte deste fenômeno, pela qual o município tem passado se deve à queda da fecundidade.

Quanto aos impactos do aumento da esperança de vida no envelhecimento, em um primeiro momento, uma redução da mortalidade, especialmente nas populações de fecundidade mais alta, rejuvenesce a estrutura etária da população. Os ganhos na esperança de vida, neste caso, se dão especialmente pela redução da mortalidade infantil. Não modificando a participação dos idosos. Assim (Moreira, 1997) observa que:

*“Fica claro, também que, dentro do espectro de níveis de fecundidade e mortalidade considerados como historicamente vivenciados pela humanidade, o processo de envelhecimento populacional, seja o mesmo definido pelo topo, pela base ou pela idade média da população, resulta quase que exclusivamente da queda da fecundidade. As mudanças nos níveis de mortalidade, dentro deste intervalo de níveis, tem apenas um impacto marginal sobre a estrutura etária.”*

Porém, quando os níveis de fecundidade já estão relativamente baixos e não existe folga para maiores quedas o efeito do envelhecimento pela queda da mortalidade, especialmente das populações adultas, torna-se mais visível. Assim sendo, é o aumento da sobrevivência da população idosa o determinante do envelhecimento populacional. Este fenômeno é bem característico de vários países desenvolvidos e parece ser determinante para o envelhecimento de Belo Horizonte, em um futuro próximo.

Analisando o envelhecimento brasileiro ao nível regional (Bercovich, 1992) sintetiza de forma interessante este processo:

*“A distribuição espacial é produto da interação entre os componentes da dinâmica demográfica. A queda da fecundidade contribui para um aumento da participação relativa da população idosa, ocasionada pela diminuição*

---

3 De acordo com estimativas indiretas, o saldo migratório de Belo Horizonte entre 1980 e 1990 foi de -106064 e entre 1991 e 1996 de -42128. Respectivamente com uma Taxa Líquida de Migração de -0,50 e -0,39. Como normalmente, a migração é seletiva por idades (basicamente jovens migram) este fato também estaria contribuindo marginalmente para o envelhecimento de Belo Horizonte.



*da proporção de crianças. Ao se processar regionalmente com tempos e intensidades diferentes – como no caso do Brasil – aprofundam-se os diferenciais regionais das proporções de população idosa. As variações de mortalidade também afetam a proporção de idosos mas, dependendo do padrão, podem influenciar em sentidos opostos. A migração, que é seletiva por faixa etária e sexo, afeta consideravelmente a estrutura etária regional, seja aumentando a proporção de idosos nas regiões de emigração e diminuindo-a nos centros de atração, seja alterando as razões de masculinidade das regiões envolvidas.”*

Em Belo Horizonte, a Tabela 4 nos fornece a evolução percentual da população com 60 anos e mais e a diferença percentual entre os decênios até 1991 e o quinquênio 96/91.

**Tabela 4**

PROPORÇÃO DE POPULAÇÃO MAIOR DE 60 ANOS  
BELO HORIZONTE 1970-1996

Ano	(%) maior 60 anos	Anos	Dif
1996	8,29	1996-91	1,03
1991	7,26	1991-80	1,86
1980	5,40	1980-70	0,83
1970	4,57		

Fonte: IBGE 1970, 1980, 1991 e 1996.

Podemos observar que, se entre as décadas de 70 e 80 houve um aumento de 0,83 pontos percentuais na proporção da população maior de 60 anos, entre 80 e 91 esta diferença passa para 1,83. Já na metade da década de 90, o crescimento foi de 1,03 pontos em relação a 1991. Isto demonstra que a população de Belo Horizonte envelhece em ritmo crescente e acelerado.

Quando se analisa o processo de envelhecimento ao nível interno do município, observa-se que ele não se dá de forma homogênea no território. Existem áreas em Belo Horizonte, cuja estrutura etária de seus moradores são mais envelhecida do que outras.

A proporção da população maior de 65 anos por Regional já nos fornece alguns elementos para esta análise (Tabela 5).

**Tabela 5**PROPORÇÃO DE POPULAÇÃO MAIOR DE 65 ANOS  
POR REGIONAIS 1991-1996

Regional	(%) > 65 anos 1991 (a)	(%) > 65 anos 1996 (b)	Cresc. Relativo* (c)
Barreiro	2,70	3,39	25,56
Centro-Sul	7,67	8,71	13,56
Leste	5,02	6,83	36,06
Nordeste	4,38	5,25	19,86
Norte	3,23	3,87	19,81
Noroeste	4,71	6,43	36,52
Oeste	4,63	5,63	21,60
Pampulha	3,72	4,65	25,00
Venda Nova	2,92	3,57	22,26

Fonte: SMPL, 1999.

\*  $c = (b - a)/a$ 

É importante salientar que quando analisamos aspectos demográficos como a estrutura etária, em diferentes sub-divisões espaciais ao nível intra-urbano, a migração, ou melhor dizendo, a mobilidade das famílias para diferentes domicílios em áreas e bairros distintos passam a ter um papel fundamental no envelhecimento populacional de uma área, além da própria queda da fecundidade.

Assim, analisando os anos de 1991 e 1996 observa-se um aumento das proporções de idosos em todas as Regionais. A Regional Centro-Sul tanto em 1991, como em 1996 foi a que apresentou a maior proporção de população acima de 65 anos, seguida pelas Regionais Leste e Noroeste que mantêm suas posições nas duas datas analisadas. A Regional Leste foi a que teve um maior aumento de suas taxas, 1,81 pontos percentuais a mais em 1996 em relação a 1991, seguida pelas Regionais Noroeste, Centro-Sul e Pampulha. Quando analisamos o aumento relativo das proporções de idosos (representado pela coluna "c"), pode-se observar algumas tendências. A Regional Centro-Sul que abriga a maior proporção de idosos foi, por outro lado, a que teve o menor crescimento de sua proporção de idosos, relativamente. As Regionais Leste e Noroeste por sua vez, são as áreas cuja proporção de idosos tem aumentado mais rapidamente. Áreas como Venda Nova, Barreiro e Pampulha, (normalmente, Regionais de ocupação populacional mais recente) mesmo apresentando as menores proporções de idosos da cidade, tem um ritmo de crescimento, desta proporção superior á Regionais como Norte, Nordeste e Oeste. Parece haver na área do município uma tendência a homogeneização das proporções de pessoas idosas residentes. Onde áreas com menores proporções de idosos

possuem uma ritmo de envelhecimento mais intenso e áreas com maiores proporções um ritmo menor.

Para os domicílios entre as consequências mais imediatas do envelhecimento da estrutura por idades, seria a mudança na proporção dos diferentes arranjos domiciliares, para especialmente aqueles com menor número de moradores, (por exemplo, aumento dos domicílios unipessoais), domicílios chefiados por mulheres idosas *etc.*

No caso, de um envelhecimento por aumento das esperanças de vida (o chamado envelhecimento pelo topo) pode-se considerar, que numa mesma família podem conviver tres gerações ou mais, podendo haver um aumento do número dos chamados “domicílios estendidos”. Por outro lado, o aumento na expectativa de vida pode alongar a duração dos casamentos, estendendo também o tempo de um potencial conflito marital com ruptura dos casais.

#### 4 HIPÓTESES QUANTO A LOCALIZAÇÃO

É interessante observar que exatamente as áreas de ocupação mais antigas são aquelas que possuem uma maior proporção de moradores idosos, como é o caso da Região Centro-Sul. Áreas de ocupação mais recente, como Venda Nova, Barreiro e Norte apresentam uma menor percentagem de pessoas mais velhas. Este processo pode ser melhor verificado através dos mapas (vide Mapas Evolução Urbana e Distribuição da População Idosa) O número de domicílios com pessoas idosas decresce dos centro da cidade (normalmente áreas mais antigas) para a periferia, ou áreas de ocupação mais recente.

Por outro lado, comparando as distribuições das populações idosas e da população menor de 5 anos, dentro do município de Belo Horizonte (vide Mapas), observamos que as áreas centrais que concentram a maior percentagem de pessoas idosas são também as áreas com a menor proporção de crianças menores de 5 anos no ano de 1991. Isto indica, provavelmente, a existência de um “gradiente” de complexidade<sup>4</sup> entre os domicílios no município, que ocorrem dos mais simples na área mais central à cidade, aos mais complexos nas áreas mais distantes ao centro. Está é uma hipótese a ser testada.

---

4 Como nível de complexidade domiciliar entendemos a maior diversidade de pessoas morando no mesmo domicílio. Assim, um domicílio unipessoal é “menos” complexo do que um que abriga somente um casal, que é menos complexo do que um domicílio composto por casal e filhos e um parente, *etc.*

Uma outra hipótese que poderia também ser aventada, seria o fato de que as famílias envelhecem com seus domicílios, e assim sendo, as áreas de ocupação mais antigas possuem relativamente uma maior percentagem de pessoas idosas.

Lee (1994) observa que o fato de uma população de uma determinada região ou área ser mais velha, ser dona do imóvel e ser moradora antiga, as chances de que estas pessoas se mudem para um novo endereço são menores do que em áreas, cujos moradores, não apresentem estas mesmas características. Rossi (1955) enfatiza os fatores relacionados a mudanças no ciclo de vida como sendo os determinantes da decisão de se mudar. Neste perspectiva, mudanças no ciclo de vida, no tamanho, na composição por idades e no nível socio-econômica dos domicílios criam problemas com a atual residência influenciando a demanda por diferentes tipos de moradia e levando à mudança.

Neste sentido, as taxas de mobilidade alcançam seu máximo nos primeiros anos da idade adulta. A procura por emprego, o casamento e a transição nos estudos engendram mudanças nas residências. Por outro lado, a presença de crianças no domicílio tende a deter a mobilidade. Provavelmente, as crianças fazem com que as famílias se mantenham em suas casas e na sua vizinhança.

Quanto às mudanças devido ao aumento do número de pessoas no domicílio, Doling (1976) analisando as estatísticas de moradores nas cidades norte americanas observa que, o típico casal recém unido demanda, inicialmente, uma pequena residência em regiões de alta densidade, próxima ao centro da cidade. As análises estatísticas na qual esta afirmação se baseou, normalmente, também mostram que com a idade e um aumento do tamanho da família aumenta a demanda por espaço e estas famílias tendem a demandar residências nos subúrbios<sup>5</sup> (mais espaço). Finalmente, quando o tamanho da família diminui e os filhos se tornam adultos e saem das casas dos pais, haveria na maioria das vezes um retorno para as pequenas habitações junto a altas densidades e próximos ao centro urbano. Neste caso, o acesso aos diferentes tipos de serviços como proximidade de restaurantes, farmácias, serviços médicos e de lazer poderiam ser importantes fatores para a escolha da residência.

No caso específico dos idosos, Mutchler, Burr (1991), observam que a escolha de onde e com que viver pode ser complexa. Por exemplo, quando uma mulher se torna idosa suas obrigações na família podem ser alteradas pela

---

5 Ao contrário dos subúrbios brasileiros, estas áreas nas cidades americanas são ocupadas pelas classes médias e altas, que demandam grandes espaços para suas residências.

perda de seu marido ou pela saída de seus filhos de casa. Estas mudanças são imediatamente percebidas em seus arranjos de vida, mesmo se ela não se move fisicamente para outra casa, a composição do domicílio a sua volta se modifica. Por outro lado, ela pode se deparar com novas restrições especialmente econômicas que fazem com que certos tipos de arranjos domiciliares se tornem mais difíceis ou mais possíveis, inclusive levando à sua mudança de moradia. Estas características e recursos em combinação, ajudam a determinar suas chances de manter um domicílio unipessoal, ceder a chefia do domicílio, mudar de casa ou entrar em uma instituição como um asilo.

No entanto, é possível que o aumento da riqueza familiar também esteja correlacionada com os estágios de ciclo de vida e nos casos das famílias, pode ser que este fator assumira uma grande importância na explicação das relações observadas de mudança de domicílios. Assim, se as famílias nos sucessivos estágios do ciclo de vida ocupam grandes casas, independente de sua localização e se nos últimos estágios do ciclo de vida não observamos um retorno para casas menores, isto pode ser um reflexo do aumento do poder de compra. Seria um caso de aumento da riqueza com o envelhecimento, permitindo a aquisição de residências maiores e melhores.

Em Belo Horizonte a análise indica ser pouco provável que os idosos de maior renda estejam se mudando para casas maiores, no caso, mais afastadas do centro urbano. Certas áreas, especialmente adjacentes ao centro, com grande acessibilidade a serviços modernos, nos últimos anos tem se observado a construção de prédios de apartamentos de luxo, flats e apart-hotéis, voltados especialmente para pequenas famílias ou pessoas que moram sozinhas de alta renda (é o caso das Regiões de Lourdes, Barro Preto, Savassi que apresentam elevadas proporções de idosos).

Por outro lado, o que parece ocorrer quanto aos reflexos das mudanças, características do ciclo de vida no espaço seria que, as áreas mais antigas abrigariam famílias cujo ciclo de vida se encontram em estágios mais avançados (filhos já saíram de casa, morte de um dos conjuges, presença de chefes idosos, *etc.*). Quando o ciclo familiar chega a seu fim, especialmente nas áreas mais antigas, parece ocorrer além da dissolução da família a dissolução da unidade domiciliar com a mudança de seu uso<sup>6</sup>. Seria este o caso da área mais central de Belo Horizonte que nos últimos anos vem perdendo habitantes (PBH, 1995).

---

6 Muitas casas antigas no centro de Belo Horizonte tem cedido lugar a grandes prédios de uso comercial e de serviços. Por outro lado prédios residenciais mais antigos nesta mesma área tem se deteriorado ou mudado de uso.

## 5 CONCLUSÕES

Este trabalho procurou reunir alguns aspectos das mudanças demográficas, com ênfase no processo de envelhecimento e alguns elementos da evolução da ocupação do espaço urbano em Belo Horizonte.

Sem dúvida um processo de síntese não é tarefa simples, especialmente no que se refere aos aspectos teóricos. No entanto, algumas observações já podem ser feitas quanto ao desenvolvimento conjunto futuro entre a análise intra-urbana e a demografia.

Assim, ao contrário das análises de unidades mais agregadas como regiões, estados ou mesmo países que se baseiam fundamentalmente no agregado de indivíduos, parece que unidade de análise, por excelência, ao nível urbano é o domicílio. Neste sentido, o domicílio além de ser uma expressão física da satisfação de algumas necessidades dos indivíduos, também indicam carências, características que possuem reflexos diretos em sua localização espacial (o endereço).

Um outro aspecto, é a falta de instrumentos e técnicas para avaliar o impacto das mudanças demográficas nos domicílios. Normalmente, as técnicas privilegiam a mensuração e a análise da modificação de atributos do indivíduo (como por exemplo, a fecundidade, a esperança de vida, o status migratório *etc.*), não se considerando as mudanças da família/domicílio como um todo. Por isto, como no caso do processo de envelhecimento, foi necessário inicialmente fazer uma caracterização demográfica geral ao nível da agregação de indivíduos para posteriormente se poder empreender a análise a nível do domicílio, que de uma maneira ou de outra, representa o lócus privilegiado de decisão, sobre as distintas localizações dentro da cidade.

## 6 BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, José A. M., SAWYER, D. , RODRIGUES, Roberto. *Introdução a alguns Conceitos Básicos e Medidas em Demografia*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1994.
- PLANBEL/SEPLAN. *O processo de Desenvolvimento de Belo Horizonte: 1887-1970*. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Planejamento de Minas Gerais, 1974.
- BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte – Memória Histórica e Descritiva, História Média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/SEPLAN, 1996.
- BERCOVICH, Alícia Marta. Características Regionais da População Idosa no Brasil. In: *Seminário Nacional de Especialistas Multidisciplinares em Terceira Idade*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1992.
- DOLING, J. The Family Life Cycle and Housing Choise. *Urban Studies*, v. 13, p. 55-58, 1976.
- LEE, Barret A., OROPESA, R. S., KANAN, James W. Neighborhood Context and Residential Mobility. *Demography*, v. 31, n. 2 May 1994.
- MOREIRA, Morvan de Mello. *Envelhecimento da População Brasileira*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1997. (Tese, Doutorado em Demografia).
- MUTCHIER, Jan E., BURR, Jeffrey. A Longitudinal Analysis of Household and Nonhousehold Living Arrangements in Later Life. *Demography*, v. 28, n. 3, Aug. 1991.
- PBH. Prefeitura de Belo Horizonte. *Plano Diretor – Estudos Básicos*. Belo Horizonte, 1995.
- ROLNIK, R. *A Cidade e a Lei, Legislação, Política Urbana e Territoriais na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Nobel/FAPESP, 1997.
- ROSSI, P. H. *Why Families Move*. Bervely Hill Sage, 1955.
- SMPL. *Belo Horizonte, Uma Breve História*. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 1999.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

Mapa  
(Evolução da Mancha Urbana – Belo Horizonte, 1918)



Mapa  
(Evolução da Mancha Urbana – Belo Horizonte, 1935)

Mapa  
(Evolução da Mancha Urbana – Belo Horizonte, 1950)

Mapa  
(Evolução da Mancha Urbana – Belo Horizonte, 1977)

Mapa  
(Evolução da Mancha Urbana – Belo Horizonte, 1995)

Mapa  
População maior de 65 anos – UP's Belo Horizonte, 1991

Mapa  
População menor de 5 anos – UP's Belo Horizonte, 1991

Mapa  
(Limites das Administrações regionais – Belo Horizonte)

Mapa  
(Unidades de planejamento UP'S – Belo Horizonte)